

Algumas contribuições atuais de B. Chervet e R. Roussillon aos conceitos de narcisismo e pulsão

Aluno: Rafael Cavalheiro Neves

Orientador: Dra. Milena da Rosa Silva

Introdução e Metodologia

O presente trabalho se orienta como um estudo teórico exploratório que reflete sobre conceitos centrais da metapsicologia freudiana, a dizer: narcisismo e pulsão e busca articulá-los com algumas contribuições atuais de dois psicanalistas franceses. Ambos os autores apresentam concepções originais e suas ideias estão em desenvolvimento.

Sabemos que a psicanálise como teoria (metapsicologia) sempre foi se alterando em função de questões clínicas. Neste sentido, apresentar e discutir novas ideias de autores contemporâneos impõe-se diante das questões que a clínica nos coloca. Destaca-se também que, muitas vezes, trabalhos de psicanalistas contemporâneos demoram muitos anos para ser objeto de estudo dos psicanalistas (atuando ou em formação), especialmente no Brasil. Daí a presente proposta de apresentar artigos bastante recentes, sendo alguns publicados em 2014 e 2015.

Algumas considerações sobre o papel de conceitos metapsicológicos de narcisismo e pulsão em Freud

Talvez a primeira referência mais específica à metapsicologia apareça já 1901, quando Freud diz que gostaria de transformar metafísica em metapsicologia (Freud, 1901). A partir daí temos várias implícitas, mas é entre 1914 e 1917 que temos a série de textos batizados como “metapsicológicos”. Em 1914/2004, na “À Guisa de Introdução ao Narcisismo”: Freud inaugura outro estatuto para o objeto. A presença do outro deixa um papel de coadjuvante para passar ao protagonismo. Mostra que as primeiras satisfações sexuais autoeróticas se apoiam nas pulsões de autoconservação, fazendo com que o objeto cuidador seja tomado como primeiro objeto sexual (Falcão, 2014). Freud presume então que existe um “movimento de saída” do autoerotismo em direção ao narcisismo (primário) que ele denominou como “uma nova ação psíquica” (p.99), ponto de contato com algumas ideias de Roussillon (2012b).

Depois de 1920: a fonte do soma é a pulsão de morte. O bebe nasce pura pulsão de morte (Freud 1920; 1924; Falcão, 2015). Não é a pulsão de morte que encontra o objeto é o objeto que encontra a pulsão e a partir disso começam as inscrições psíquicas. Chama atenção que há “outro inconsciente além do recalcado” (Freud, 1923).

Sobre o papel metapsicológico do objeto: o objeto sempre está lá para Freud. Existiria uma fase “anobjetal” apenas do ponto de vista do bebê, que faz uma espécie de alucinação negativa do objeto cuidador (Green, 2008). Conforme destaca Green (2008), uma das principais diferenças da primeira para segunda tópica é a inclusão da pulsão no aparelho psíquico. Na primeira tópica, a pulsão está fora do psiquismo – no limite – só sendo passível de aproximação através dos seus representantes. Na segunda tópica, entretanto, a pulsão está dentro do aparelho psíquico, pois o Id abarca os dois grupos de pulsão (vida e morte). Destaca que há um câmbio de ênfase da representação para moção pulsional, a representação não está dada, ela é um processo que pode acontecer ou não e esse processo está intimamente ligado ao papel do objeto (Roussillon, 2015b).

Pensando sobre o papel de conceitos metapsicológicos de narcisismo e pulsão em Roussillon e Chervet

René Roussillon retoma o lugar central dado por Freud (1914) ao objeto na constituição psíquica, apontando para a aspecto intersubjetivo da pulsão. Afirma que a pulsão tem uma função de “mensageira” (Roussillon, 2011), a qual necessita de um objeto que exerça uma função de ligação.

De certa forma, Roussillon une a noção de trauma com o conceito de narcisismo para desenvolver sua teoria sobre o **trauma narcísico-identitário**, bem como as noções de **traumatismo primário/secundário** e o **trabalho de simbolização**. Entende que o traumatismo primário é um estado proveniente do desamparo e sofrimento psíquico que tornam a experiência subjetiva traumática e não integrável à subjetividade (Roussillon, 2012a). Postula que os fracassos dos primeiros encontros produzem um afeto de “decepção narcísica primária (...) e mobilizam mecanismos de defesa primitivos nos quais se reconhecem, numa ponta, as primeiras formas de retração da subjetividade numa linhagem autística e, na outra, as tentativas de cicatrização por meio de um masoquismo primário exacerbado” (Roussillon 2015a, p.35). Já o **traumatismo secundário** refere-se a uma situação subjetiva que foi vivida, representada e depois secundariamente recalçada pelo conflito. “No entanto, o recalque deu origem a uma fixação, que subtraiu da evolução as moções pulsionais comprometidas. Esse ponto de fixação provoca um arcaísmo que atrai os conflitos atuais correspondentes, provocando, por sua vez, um recalque secundário dos conflitos atuais” (Roussillon, 2012a, p.273). Entende que certas partes da vida psíquica não são recaláveis porque não estão integradas na subjetividade. “Essas experiências psíquicas ‘inconscientes’, apesar de não recalçadas, e incapazes de se tornarem conscientes dessa forma afetam o narcisismo”.

Isso está na base do que o autor denomina de sofrimento narcísico identitário e afirma que esses quadros clínicos são “aqueles que se caracterizam mais pela falta de ser do que pela falta no ser” (ibid., p.274). Para o autor a integração das experiências traumáticas a subjetividade é um vetor essencial e está intimamente ligado com o trabalho de simbolização (Roussillon, 2011; 2014; 2015a). Argumenta que diante das problemáticas narcísico-identitárias não estaríamos diante do retorno de recalçado, mas sim diante do retorno do clivado, sendo o primeiro de ordem representativa e o segundo não (2014).

Bernard Chervet propõe repensar a teoria pulsional, relendo-a como fazendo parte de um conjunto temporal que passou por três tempos:

- O primeiro tempo, do conflito entre pulsões do eu e pulsões sexuais, tal como aparece nos “três ensaios” com a ampliação do conceito de sexualidade que abarca agora a sexualidade infantil.

- O segundo tempo, com a introdução do conceito de narcisismo, o que leva a reconhecer que uma parte do sexual precisa investir no funcionamento psíquico do próprio sujeito, logo precisa ser retirada de outros objetos e transformada a fim de fundar o narcisismo, descaracterizando, assim, o conflito pulsional.

- E o terceiro tempo, com a introdução de outro dualismo pulsional, ordenado pelo conflito permanente entre pulsão de vida/pulsão morte, reconhecendo o caráter regressivo de toda a pulsão (**regressividade extintiva**) com a tendência de voltar ao estado anterior até alcançar o inorgânico. (Bergel, 2015 p.228)

O autor investiga essencialmente o terceiro tempo, propondo que as pulsões não têm uma vida apenas enquanto pulsão de vida e pulsão de morte e diz que a vida [pulsional] só pode resultar de um amálgama - de domesticação, de intricação das pulsões. “Um ato de transformação da qualidade mais elementar de todas as pulsões, sua tendência extintiva”. (Chervet, 2013, p.42). Em 2015 o autor retoma esta questão, afirmando que “ou esse amálgama é espontâneo e se dá de acordo com flutuações diversas, ou ele se realiza sob a égide de um terceiro termo que assume sua responsabilidade, que as transforma e reúne” (Chervet, 2015, p.222). Esse terceiro termo seria o **imperativo de inscrição**. Pouco tempo depois de ter proposto o seu dualismo pulsional centrado numa tendência comum de retornar a um estado anterior, Freud introduz um terceiro termo, o supereu, que se opõe a essa regressividade extintiva e é responsável pelos múltiplos amálgamas das duas tendências pulsionais que s formações vivas constituem (Chervet, 2013,p.41).

Chervet entende que o novo ponto de vista de Freud, formalizado em 1920, colocou a negatividade no centro da pulsionalidade. Tal modelo teórico foi construído com base na clínica: “1) das identificações narcísicas defectivas (melancolia); 2) da compulsão à repetição (neurose traumática); 3) da lógica demoníaca (neurose de destino); 4) do negativismo (Reação Terapêutica Negativa)”. (Chervet, 2013, p.42).

Considerações finais

Percebe-se que estes autores partem da leitura de Freud, especialmente dos trabalhos de 1914 em diante e, a partir dela, apontam tanto para uma releitura de alguns pontos que referem já estar lá, como para conceitos originais (trauma narcísico-identitário, trabalho de simbolização, imperativo de inscrição, regressividade extintiva, ente outros). A partir destes conceitos, buscam dar conta de questões que têm sido levantadas atualmente, como a da intersubjetividade e do inconsciente não recalçado, as quais são despertadas especialmente pelo trabalho com pacientes limítrofes. Suas proposições teóricas mostram avanços na compreensão de fenômenos clínicos, apontando para importantes avanços teóricos e técnicos.

Referencias

- Chervet, B. (2009). O *après-coup*: o traço perdido e suas *mises en abyme*. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 16 (1): 31-125.
- Chervet, B. (2013). Dualidade pulsional, trabalho do negativo e destrutividade. Premissas para uma reflexão sobre o assassinato fundador. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 20 (1): 39-66.
- Chervet, B. (2015). Pulsões, vocês tem uma vida? *Revista de Psicanálise da SPPA*, 22 (1): 201-226.
- Bergel, M. (2015). Introdução à discussão do trabalho Pulsões, vocês tem uma vida?, de Bernard Chervet. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 22 (1): 227-233.
- Falcão, L. (2014). Cem anos de narcisismo: *aquém* da psicanálise e *além* de Freud. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48 (3): 41-56.
- Falcão, L. (2015). Introdução à discussão do trabalho O *après-coup*, a forma e o informe no trabalho do sonho e as formações do inconsciente. A regressão ao informe e a fábrica de formas, de Bernard Chervet. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 22 (1): 191-200.
- Freud, S. (1901). Psicopatologia de la vida cotidiana. In: *Obras completas*. Vol. 6. Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1914). A guisa de introdução ao narcisismo. Escritos Sobre a Psicologia de Inconsciente. In S. Freud, *Edição Standard das obras psicológicas de Sigmund Freud* (L. A. Hans, Trad.; v. 1). Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Freud, S. (1920). Além do princípio do prazer. Escritos Sobre a Psicologia de Inconsciente. In S. Freud, *Edição Standard das obras psicológicas de Sigmund Freud* (L. A. Hans, Trad.; v. 2). Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- Freud, S. (1923). O Eu e o Id. Escritos Sobre a Psicologia de Inconsciente. In S. Freud, *Edição Standard das obras psicológicas de Sigmund Freud* (L. A. Hans, Trad.; v. 3). Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- Freud, S. (1924). O problema econômico do masoquismo. Escritos Sobre a Psicologia de Inconsciente. In S. Freud, *Edição Standard das obras psicológicas de Sigmund Freud* (L. A. Hans, Trad.; v. 3). Rio de Janeiro: Imago, 2007.
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago
- Roussillon, R. (2011). A intersubjetividade e a função mensageira da pulsão. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 45 (3): 159-166.
- Roussillon, R. (2012a). O desamparo e as tentativas de solução para o traumatismo primário. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 19 (2): 271-295.
- Roussillon, R. (2012b). A desconstrução do narcisismo primário. *Livro Anual de Psicanálise*, XXVI: 159-172.
- Roussillon, R. (2014). O trauma narcísico-identitário e sua transferência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48 (3): 187-205.
- Roussillon, R. (2015a). Para introduzir o trabalho sobre a simbolização primária. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49 (1): 33-46.
- Roussillon, R. (2015b). A função do objeto na ligação e desligamento das pulsões. *Livro Anual de Psicanálise*, XXIX: 95-114.